

O Impacto de Rushdoony sobre a Escatologia

Martin G. Selbrede

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

Pós-Milenismo. A escatologia que ensinava que o mundo inteiro seria convertido a Cristo antes do Seu retorno em glória e a introdução da eternidade. A visão que tratava a Grande Comissão *como sendo maior que os limites da imaginação debilitada do homem*. A idéia que Jesus Cristo seria um dia *literalmente* o Salvador do Mundo (João 4:42) ao atrair todos os homens para Si (João 12:32).

Pós-Milenismo. No começo da década de 1970, era a comédia das escatologias: não tinha nenhum respeito. Era a escatologia que ninguém levava a sério. Os pós-milenistas eram vistos como os defensores da terra-quadrada no mundo da escatologia. Eles eram desprezados como antibíblicos sobre a autoridade de eruditos dos outros campos, que rotularam os pós-milenistas como estando seriamente em desacordo com a Escritura e com o mundo no qual vivemos. A teoria era irrealista, desacreditada, sem fundamento e privava a Igreja da bendita esperança (como os eruditos da oposição a definiam).²

O pós-milenismo foi declarado como estando morto, com nenhuma voz viva para se levantar em sua defesa. Se os seminaristas encontrassem vestígios dele nas obras dos Puritanos ou eruditos como Hodge e Warfield, eles eram advertidos a ignorar essa fraqueza na de outra forma impecável erudição bíblica daqueles homens: “Nós sabemos mais agora.” Como Hal Lindsey disse dos Reformadores, eles estavam em trevas no que diz respeito à profecia e sua interpretação.

As coisas deterioraram-se ao ponto que o pós-milenismo foi efetivamente “assassinado”, como evidenciado pelo título do livro “Pré-

¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em maio/2008.

² Logo após a Primeira Guerra Mundial os ataques publicados sobre o pós-milenismo começaram a aparecer. *Postmillennialism and the Higher Critics* (Pós-Milenismo e a Alta Crítica), de Andrew Johnson e L. L. Pickett, foi um ataque desdenhoso de 445 páginas sobre os pós-milenistas, publicado em 1923 pela Glad Tidings Publishing Company of Chicago. Os escritores atacaram exclusivamente os eruditos com tendências liberais, associando assim o pós-milenismo com homens que pintavam e bordavam com a Escritura, em contraste com quem os pré-milenistas pareciam como campeões da fidelidade à Escritura.

Milenismo ou Amilenismo”,³ um título que nega implicitamente que o pós-milenismo seja uma opção legítima digna de consideração. Além de não ser um jogador, o pós-milenismo não estava nem mesmo no banco. Oswald T. Allis escolheu guardar seu pós-milenismo para si mesmo, preferindo o rótulo mais respeitável de “anti-quiliasta” (anti-pré-milenista), pelo menos até o tempo quando o livro de Roderick Campbell, *Israel and the New Covenant* [Israel e o Novo Pacto], foi impresso pela primeira vez. O pós-milenista Benjamin Breckinridge Warfield, um teólogo altamente respeitado do Seminário Teológico de Princeton, morreu em 1921. O dr. Loraine Boettner entrou em Princeton somente oito anos mais tarde – Warfield e Boettner nunca se encontraram. Mas Boettner se tornaria o único pós-milenista com testosterona espiritual suficiente para escrever, em meados do século 20, um livro que realmente defendia a posição pós-milenista. Era ele uma voz solitária, clamando no deserto,⁴ ou apenas um fóssil irrelevante? Em termos de influência no tempo, este velho cavalheiro cristão, firmado nos valores de uma geração anterior, foi convenientemente estereotipado como um retrocesso excêntrico a uma era menos informada. Avaliação: um fóssil.

Mas então alguém novo apareceu na festa teológica. Uma silhueta de um estranho apareceu na porta de entrada. A música parou, e os seguranças olharam confusos. Um dos eruditos cristãos mais exímios do final do século vinte tinha entrado na questão da escatologia. O dr. R. J. Rushdoony, que tinha lido Warfield vorazmente em sua juventude, que tinha conhecido Boettner pessoalmente, não era apenas um pós-milenista, mas começou a promover a posição ativamente.

Em 1970, seus comentários sobre Daniel e Apocalipse (*Thy Kingdom Come*) foram publicados. Em 1971, seu prefácio apareceu na antologia de J. Marcellus Kik intitulada *An Eschatology of Victory* [Uma Escatologia de Vitória]. *The Journal of Christian Reconstruction* (O Jornal da Reconstrução Cristã), que a *Chalcedon* publicava, convocou um Simpósio sobre o Milênio em 1976, enquanto 1978 viu a publicação de um breve, porém poderoso livreto, *God's Plan for Victory: The Meaning of Postmillennialism* [O Plano de Deus para a Vitória: O Significado do Pós-Milenismo].

Como os pós-milenistas esperam uma influência em longo prazo, Rushdoony não se importava com a ausência de resultados instantâneos, mas trabalhava pacientemente para edificar fundamentos que resistiriam à prova do tempo. O lento renascimento do pós-milenismo se assemelha ao milagre

³ Charles Lee Feinberg, *Premillennialism or Amillennialism?* teve várias edições por várias editoras, começando em 1936 (Zondervan), então 1954 (Van Kampen Press), e finalmente 1961 (the American Board of Missions to the Jews).

⁴ Seria apropriado reconhecer que J. Marcellus Kik e uns poucos outros eruditos também produziram obras pós-milenistas durante esse mesmo período, que, apesar dos seus méritos, tiveram menos influência que as contribuições de Boettner.

do fio de água que vira primeiro riacho e depois um rio, registrado em Ezequiel 47:1-6: movemos-nos desde uma ausência quase total de pós-milenistas até chegar ao tornozelo, até chegar ao joelho e em breve chegarão até a cintura e mais acima. “Viste isto, filho do homem?” (v. 6). Outros eruditos notáveis tinham subido no trem, escrevendo, ensinando, publicando, persuadindo, sendo direta ou indiretamente influenciados pela liderança de Rushdoony (e da *Chalcedon*). Pode ter sido verdade que na década de 1960, como Hal Lindsey afirma em seu best-seller *The Late Great Planet Earth*,⁵ nenhum erudito que se respeitava, ao olhar para as condições do mundo, chamaria a si mesmo de um pós-milenista. Era preciso alguém mais preocupado com a Escritura do que com o respeito próprio, mais preocupado com a lei-palavra de Deus do que com as condições mundiais, para alterar a direção do discurso escatológico. Rushdoony mudou a cara do debate milenarista no final do século vinte, muito antes de ser respeitável o fato de alguém ser um pós-milenista. No processo, ele não tornou o pós-milenismo apenas respeitável. Ele o tornou formidável!

Esse não é o Pós-milenismo do seu Pai. Ou é?

Agora que o pós-milenismo está de volta ao cenário escatológico, seus críticos têm descoberto que têm um terceiro candidato nada bem vindo em suas mãos. Duas guerras mundiais não foram suficientes para matar essa teoria irrealista e super-otimista? Aparentemente não.

Os pós-milenistas do século dezenove tiveram que aprender algumas lições da história que poderiam ter aprendido mais facilmente das Escrituras, com respeito ao curso do império mundial como o concebe o pós-milenismo. Eles pensavam que Deus estava para terminar de sacudir os céus e a terra (Hb. 12:26-27), que a Pedra cortada sem auxílio de mãos humanas já tinha esmagado as nações e consumido-as, que o progresso em linha reta estava assegurado. Eles tendiam a ler as Escrituras em termos dos tempos (um fenômeno ainda difundido hoje em dia entre outras escatologias).⁶

Os pós-milenistas hoje foram libertos dessa tendência de andar por vista, de organizar os registros bíblicos para que se ajustem ao momento existencial, em vez de avaliar o momento existencial em termos da Palavra de Deus profética. Foram necessárias duas guerras mundiais para destruir essa influência, para ressucitar o pós-milenismo somente sobre a autoridade da Palavra e rejeitar a tentação de construir escatologias a partir da areia movediça dos eventos mundiais. Mesmo seus críticos concordam que o pós-

⁵ Publicado no Brasil com o título “Agonia do Grande Planeta Terra”, pela Mundo Cristão. (N. do T.)

⁶ Leia: http://www.monergismo.com/textos/pos_milenismo/exegese-jornal-pos_banhse.pdf

milenismo moderno baseia toda a sua confiança em seu entendimento da Palavra, e não nos feitos do homem sobre a Terra. O comentário ousado de Greg Bahnsen, citando Romanos 3:4, passou a marcar a fé pós-milenista nas promessas de Deus: “Seja Deus verdadeiro, mas todo homem mentiroso.”

Em face de um pós-milenismo revigorizado, os críticos têm abordado a teoria a partir de alguns novos ângulos, procurando uma fissura conveniente na armadura. No caso de Rushdoony, era impossível relacionar o seu pós-milenismo com o milenarismo do evangelho social de Rauschenbach ou dos unitários (pós-milenismo não elaborado com base na Palavra, mas sobre uma confiança humanista num evangelho fundamentalmente estatista). Mas o envolvimento de Rushdoony inspirou um novo rótulo, uma nova classificação.

De repente, o pós-milenismo de Rushdoony foi denominado de *pós-milenismo teonômico*, para distingui-lo do pós-milenismo “mais bondoso, gentil e suave” do passado, afetuosamente chamado de *pós-milenismo evangélico*.⁷ Os partidários do amilenismo e do pré-milenismo na verdade não tinham nenhuma afeição pela forma anterior de pós-milenismo, sem dúvida, mas ao se referirem a ele nostalgicamente como “mais suave”, davam a entender que o pós-milenismo de Rushdoony era implicitamente áspero: um bicho inteiramente novo. Os polemistas introduziram uma cunha argumentativa entre pós-milenismo teonômico e pós-milenismo evangélico. Na prática estavam dizendo: “Se você tem que ser um pós-milenista, seja um da velha escola como os calmos Boettner, Hodge ou Warfield,⁸ os sujeitos agradáveis da quadra que não faziam barulho”. Visto que os teonomistas são desagradáveis e divisivos, o pós-milenismo teonômico é simplesmente a mesma coisa. Na verdade, provavelmente seja pior: ensina o triunfo da teonomia. Que necessidade temos de testemunhos adicionais?

A implicação levantada é que, visto que a forma anterior é “evangélica”, a forma moderna não é evangélica. A escolha dos termos não é acidental, mas destinada a projetar nos pós-milenistas de hoje uma luz negativa, por inferência, se não explicitamente.

⁷ Deve ser assinalado que Rushdoony e outros “pós-milenistas teonômicos” têm descoberto que algumas partes da retórica dos pós-milenistas “suaves” das gerações anteriores é estilisticamente embaraçosa. Os repetidos apelos à “doce” influência do evangelho nos escritos de Jonathan Edwards fizeram-nos perguntar porque as pessoas não caíam em coma diabético ou choque insulínico ao ler tais escritos excessivamente sacarinos. Esse fato tem sido usado como evidência da divisão entre pós-milenismo teonômico e o assim chamado pós-milenismo evangélico, mas dificilmente poderia ser negado que Edwards teria escrito de uma forma muito diferente se tivesse vivido no final do século vinte.

⁸ Warfield, deve ser observado, foi ao menos tão teonômico quanto Rushdoony ou Bahnsen. Veja sua exposição de Mateus 5:17-20 em *Biblical Doctrines* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 2003; 1932), 293-299. A idéia que a abordagem de Mateus 5:17-20 pelos teonomistas é uma inovação recente de Rushdoony ou Bahnsen é demonstravelmente falsa. A visão de Warfield foi baseada numa análise exegética do notável exegeta grego H. A. W. Meyer, publicada antes da Guerra Civil Americana começar. O artigo de Warfield apareceu primeiro em 1915, mais ou menos quando o gás de cloro estava sendo usado na Primeira Guerra Mundial.

Não pode ser negado que Rushdoony forneceu uma espinha dorsal para o pós-milenismo moderno. Foi isso verdadeiramente uma inovação? Dificilmente. A maioria dos Puritanos era pós-milenista, e estavam muito mais perto dos ensinamentos éticos de Rushdoony do que das teorias da lei propostas pelos evangélicos modernos (e.g., dr. Norman Geisler, etc.). Mesmo se não considerarmos a sua oposição firme ao contingente antinomianista, a maioria dos Puritanos representava um movimento teonômico incipiente notavelmente forte.

Muitas passagens-chave pós-milenistas têm um conteúdo teonômico evidente. O Novo Pacto não envolvia apenas que cada um, do menor ao maior, conhecesse ao Senhor, mas também envolve Deus escrevendo Sua lei em seus corações e mentes (Jr. 31:33; Hb. 8:10, 10:16). A profecia em Isaías 42:1-4 conclui afirmando que as ilhas aguardarão pela lei de Deus, enquanto Isaías 2:3 fala da lei radiando em todo o mundo. Existem dezenas de passagens semelhantes, e seu significado certamente não escapou aos Puritanos.

O pacote “pós-milenismo teonômico” não é novo, nem Rushdoony o inventou. Ele meramente ajudou a colocar o pós-milenismo de volta ao seu lugar apropriado, depois que os defensores da forma evangélica e mais suave da teoria viram seus pontos de vista apropriadamente enfraquecidos pelo século mais sangrento da história humana registrada. O pós-milenismo tinha se desenvolvido longe do componente teonômico que estava no centro da esperança Puritana. Rushdoony apenas reacoplou o que os anteriores teólogos pós-Puritanos tinham permitido se apartar. Nas palavras de Isaías 58:12, Rushdoony se tornou um *reparador de brechas*.

Rushdoony e os “Ismos” Hermenêuticos

Rushdoony tinha suas preferências ao tratar com o livro de Apocalipse. Ele adotou a abordagem idealista. O idealismo trata a maior parte do livro como lidando com o período inteiro entre os adventos de Cristo, não necessariamente na ordem cronológica, com algumas passagens se referindo a coisas celestiais em vez de terrenas. Em outras palavras, o idealismo é uma abordagem do Quadro Geral: Apocalipse cobre muitos séculos de tempo.

O historicismo concorda com o idealismo que o Apocalipse descreve o período inter-advento, mas diferente dele, vê uma clara sucessão cronológica na narrativa de João. O comentário do dr. Francis Nigel Lee sobre Apocalipse é um forte exemplo de uma obra pós-milenista escrita a partir da perspectiva historicista. O dr. Rushdoony e o dr. Lee tinham as melhores relações, e

Rushdoony respeitava e apoiava o historicismo do dr. Lee, a despeito de sua preferência permanente pelo idealismo.

O preterismo parcial trata Apocalipse predominantemente como uma descrição do divórcio de Deus de Israel e seu despojamento. Entende-se que o livro foi escrito antes da queda de Jerusalém com base numa evidência interna reconhecidamente forte. À luz disso, poderia se considerar que a maior parte de Apocalipse cumpriu-se no primeiro século depois de Cristo. Rushdoony não somente respeitava o preterismo parcial, mas apoiou a publicação de comentários que promoviam essa abordagem do livro de Apocalipse. Ele fez isso, embora em última instância discordasse desses volumes, o que indica a importância que ele atribuía em estender a erudição bíblica a todas as áreas plausíveis que fossem relevantes para a questão pós-milenista.

O leitor deveria observar que nenhuma dessas abordagens para interpretar Apocalipse são intrinsecamente pós-milenistas. Por exemplo, entre os amilenistas alguém pode encontrar idealistas (e.g., William Hendriksen) e preteristas parciais (e.g., Jay Adams). O futurismo (associado primariamente com a erudição pré-milenista) também pode cruzar fronteiras teológicas.

Portanto, qualquer abordagem hermenêutica de Apocalipse pode seguir uma das diversas encruzilhadas teológicas que se apresentam no caminho. A tenda teológica de Rushdoony é maior que a maioria dos seus discípulos estaria disposto a considerar. Uma fração significativa deles tem optado pelo preterismo parcial como a última palavra na interpretação profética, uma visão que Rushdoony teria rejeitado. Acho que ele concordaria com a minha avaliação que, num exame criterioso amigável, o preterismo parcial deve ser freqüentemente tirado do Pedestal da Certeza para o mais modesto Palco da Plausibilidade, isto é, que é prematuro tratar o preterismo parcial como se esse fosse canônico.

Mas Rushdoony desejava ardentemente que esse espírito de exame detalhado continuasse e que fosse praticado no melhor espírito da erudição conservadora cristã. A abordagem da sua grande tenda só poderia reforçar o pós-milenismo, segundo ele entendia. Os campos entrincheirados de hoje não adotam a abordagem inclusiva de Rushdoony. Os herdeiros de Rushdoony receberam sua perspectiva pós-milenista, mas têm colocado as suas heranças hermenêuticas numa única cesta. O grande milagre é que há o suficiente de pós-milenistas ao nosso redor para discordar sobre o assunto. Estaríamos numa melhor forma se mais eruditos pós-milenistas adotassem a posição do dr. Kenneth Gentry, que é em primeiro lugar um pós-milenista, e somente depois um preterista parcial. Quando as prioridades sábias prevalecem, segue-se um progresso contínuo.

O que dizer sobre a Teologia da Substituição?

Muitos cristãos são sensíveis ao lugar de Israel no plano para o futuro, particularmente com respeito às antigas promessas que Deus fez solenemente. Muitos dispensacionalistas (ainda que não todos) estão dispostos a criticar qualquer usurpação ou violação aparente das promessas feitas a Israel, promessas às quais eles afirmam a Igreja não ter direito. É sustentado que ao se confundir a Igreja com Israel, a teologia se torna perigosamente distorcida. Se as promessas percebidas como tendo sido feitas a Israel são aplicadas à Igreja, arrazoam estes eruditos, então o que temos aqui é uma substituição ou reposição de Israel pela Igreja. A posição criticada tem recebido muitos rótulos: *teologia da reposição*, *teologia da substituição*, *substitucionismo* ou *suplantacionismo* (a igreja suplanta a Israel), etc., mas a idéia fundamental sendo criticada é a mesma: tal posição rouba a Israel.

À primeira vista, um estacionamento não se parece com um seminário muito bom, mas R. J. Rushdoony por um breve tempo transformou um estacionamento de Los Angeles num seminário para o meu benefício em 1981, explicando o significado de Isaías 19:18-25 enquanto o barulho do trânsito rugia atrás de nós. Os três versículos finais dizem assim:

²³ Naquele dia haverá estrada do Egito até à Assíria, e os assírios virão ao Egito, e os egípcios irão à Assíria; e os egípcios servirão com os assírios.

²⁴ Naquele dia Israel será o terceiro com os egípcios e os assírios, uma bênção no meio da terra.

²⁵ Porque o SENHOR dos Exércitos os abençoará, dizendo: Bendito seja o Egito, meu povo, e a Assíria, obra de minhas mãos, e Israel, minha herança.

Por que Israel não é o primeiro? Quando o motivo de Israel ser mencionado como “o terceiro” (v. 24)? Porque a profecia de Isaías ensina que o Egito e a Assíria servirão fielmente a Deus antes de Israel fazê-lo. Na verdade, o Egito construirá um altar que Deus honrará (v. 19) e jurará pelo nome de Jeová e fará votos e oferecerá ofertas a Ele (v. 21). Os inimigos de Israel entram no Reino de Deus primeiro. A discussão de Paulo em Romanos 11 é um comentário estendido sobre essa passagem de Isaías 19. Todos os gentios entrarão (representados por Egito e Assíria), e então Israel será salvo (tornar-se-á a terceira parte, sequencialmente).

O pós-milenismo concorda com Paulo que muitos ramos foram quebrados por causa de incredulidade (Rm. 11:20), mas Deus é capaz de enxertá-los de volta. Se Deus enxerta Israel de volta, como é que Israel perde

alguma de suas promessas? Rushdoony, apoiando a abordagem Puritana de Romanos 11:25-26,⁹ revelou o ponto fraco de seus críticos. Se há alguma substituição, como é sancionado pelo grande profeta Isaías do Antigo Testamento, ela é claramente temporária. Deus é capaz de enxertar de novo os ramos naturais, assim como Ele enxertou os ramos silvestres (os gentios). Que Ele faz isso no sentido plenamente *literal* das palavras que aparecem em Romanos 11:25-26 é o que as formas mais puras de pós-milenismo ensinam incessantemente.

O pós-milenismo, como recebemos dos últimos escritos de Rushdoony sobre o tema, não nos dá uma *teologia de reposição*, mas sim uma *teologia de reenxerto*. Este retorno do pensamento Puritano para o pós-milenismo é talvez outra razão pela qual a versão de Rushdoony foi chamada de *pós-milenismo teonômico* para distingui-lo da *teologia evangélica*, que por seu tom estava mais próximo de um amilenismo otimista e também com respeito ao assunto do suplantacionismo. Ao limpar o caminho traçado pelos Puritanos, o pós-milenismo se tornou mais imune à acusação, a qual pode ser vista estar, no mínimo, seriamente fora do lugar. Isso é especialmente verdadeiro com respeito à exposição de Rushdoony sobre Gálatas 4:22-31.¹⁰ É *porque* a Jerusalém física corresponde à escrava Agar (v. 25), e portanto deve ser lançada fora e não se tornar uma herdeira juntamente com o filho da livre (v. 30), que a promessa ao Israel genético não pode se realizar à parte do reenxerto dos ramos naturais dos quais Paulo fala em Romanos 11.

Resumindo: Rushdoony não promoveu uma *teologia de reposição*, mas sim uma *teologia de reenxerto*. Entre essas duas há toda a diferença do mundo.

⁹ Rushdoony passou, digamos, por uma odisséia pós-milenista em sua vida. Quando um jovem estudante, começou na posição de Warfield, mas foi distanciado da pureza dela por pressão exercida por eruditos amilenistas (pois Warfield argumentada bíblicamente contra uma apostasia final no final da história). Visto que outros pós-milenistas adotavam o conceito da apostasia final, Rushdoony foi influenciado a tomar essa direção. Em meados da década de 1990, ele reconsiderou a questão (como Boettner o fez na década de 1980) e viu que o caso de Warfield era forte o suficiente para sobrepujar o que Rushdoony chamava “a ressaca amilenista”, essa ressaca sendo a doutrina da apostasia final. Rushdoony voltou às suas raízes teológicas (a saber, Warfield, que havia desenvolvido a exposição de H. A. W. Meyer sobre Romanos 11:25-26; ver Warfield, op. cit., 623–624). Dado esse ponto de partida, o pós-milenismo poderia agora tomar muito mais porções da Escritura literalmente do que qualquer outro modelo escatológico. O apelo do dispensacionalismo (que ele lê a Bíblia literalmente, enquanto as teologias alternativas não) foi aniquilado uma vez que a vitória total do evangelho foi compreendida como o ensino da Escritura. Somente então versículos como “uma nação não levantará espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerrear” (Is. 2:4), “do aumento deste principado e da paz não haverá fim” (Is. 9:7), que a abundância de paz durará enquanto houver lua (Sl. 72:7), e todas (não algumas) famílias da Terra serão benditas (Gn. 12:3) poderiam encontrar cumprimento literal. Há centenas de tais passagens que amilenistas, pré-milenistas e mesmo uma boa porção de pós-milenistas são obrigados a fazer malabarismo e qualificar. Mas em sua última década de serviço para o Seu Senhor, Rushdoony abraçou as promessas como elas foram escritas. “Seja Deus verdadeiro e todo homem – mesmo o Rushdoony anterior – um mentiroso”. Rushdoony nunca perdeu sua capacidade de ser ensinável, pois ele não era um mestre da Palavra, mas mestreado pela Palavra.

¹⁰ R. J. Rushdoony, *Romans and Galatians* (Vallecito, CA: Ross House Books, 1997), 375–384.

Rushdoony, o Inovador: Tomando a Pílula Vermelha

No filme *Matrix*, as pessoas escravizadas ao sistema recebiam uma oportunidade. Uma pílula vermelha e uma pílula azul era apresentada a elas. Tome a pílula azul, e você acordará crendo no que você quer crer, com o *status quo* preservado. Tome a pílula vermelha, e você verá quão fundo é o buraco do coelho, e sua vida mudará radicalmente como consequência do despertar concomitante.

O monógrafo de Rushdoony de 41 páginas, *God's Plan for Victory: The Meaning of Postmillennialism*, é essa pílula vermelha. Ele é pequeno e desprezível. É realmente uma exposição muito pobre do pós-milenismo, particularmente a partir de um ponto de vista exegético. Esse não é o propósito desse breve livro: esta tarefa é deixada para outros volumes e outros eruditos. Este livro se propôs a uma tarefa absolutamente singular e notável, e obteve êxito de uma forma revolucionária. Neste volume, Rushdoony expõe o *significado* de uma escatologia para a vida real, seu efeito sobre o caminhar cristão e no mundo como um todo. Uma leitura superficial poderia levar o principiante a crer que é uma peça de rajada teológica. Uma leitura cuidadosa revela que Rushdoony preparou uma dinamite cultural numa forma altamente compacta. Ele chega perto de ser um livro “para aqueles que têm ouvidos, ouçam”. Os que estão casados em primeiro lugar com uma escatologia e com a ética bíblica em segundo lugar, deixarão o livro de lado. Aqueles que percebem que Deus nos julga por nossos atos e não por nossas orientações teológicas, continuarão para encontrar alimento para a mente ali, sejam eles amilenistas, dispensacionalistas¹¹ ou indecisos. Homens que dirigem suas vidas, não pelo que eles sentem que a Escritura prediz, mas pelo que sabem que a Escritura ordena, colocarão Rushdoony ao seu lado. É apropriado que suas críticas estejam necessariamente dirigidas à maioria, mas não àqueles que são fiéis à Palavra de Deus.

Considere esses importantes *insights* que Rushdoony compartilha em *God's Plan for Victory* (ênfase adicionada):

¹¹ É digno de nota que há dispensacionalistas que apóiam a *Chalcedon*, e está fora de dúvida que o Reino de Deus sempre tem cruzado as linhas traçadas por distinções teológicas. Onde os homens colocam a prioridade sobre a Sua obra, eles podem trabalhar juntos, a despeito das diferenças escatológicas. As críticas de Rushdoony apontam para aqueles que usam a escatologia como um pretexto para a inanição cristã. Dispensacionalistas e amilenistas que estão prontos a trabalhar no Reino de Deus não se ofendem com as críticas dirigidas ao indivíduo por meio de seus respectivos campos. A defesa de Rushdoony em favor dos pré-milenistas John C. Whitcomb and Henry M. Morris demonstrou ser decisiva para que se publicasse o livro criacionista deles, *The Genesis Flood* [O Dilúvio de Gênesis]. Rushdoony sabia como trabalhar ombro a ombro com os outros (Sofonias. 3:9) e distinguia entre homens de caráter e homens preguiçosos, independente da persuasão escatológica.

Se, em termos de Mateus 6:33, cremos que o Reino de Deus e sua justiça têm prioridade em nossas vidas, *então não teremos uma visão da salvação centrada no eu...*

Com grande freqüência os homens retêm aspectos desse pecado original ao insistir que a salvação é o centro do plano de Deus. Deus busca a Sua própria glória e propósito; *nosso lugar em Seu plano não é o centro...*

É arrogante para o homem, em divergência clara da Palavra de Deus, ver a si mesmo como mais importante no plano de Deus que o próprio Deus! Tal visão *é um eco do pecado original do homem*. (p. 3)

Uma atitude antinomiana garante a impotência e a derrota de todas as igrejas que a mantêm. *Elas podem prosperar como conventos ou retiros do mundo, mas nunca como um exército conquistador de Deus.*

[Conseqüentemente], o papel da Igreja... é o de ser, não apenas uma agência de salvação de almas, mas também um convento, um retiro do mundo horrível ao nosso redor... o Protestantismo transformou a Igreja toda num retiro do mundo, faltando apenas o celibato sacerdotal. *Os homens são chamados a retirar-se do mundo para a igreja.* (p. 11)

Um erudito secular, George Shepperson, comentou: “O pré-milenismo sempre significa *uma profunda desconfiança nas forças ortodoxas de reforma abertas à sociedade*”. Esse é um ponto de grande importância... os grupos milenaristas *são hostis à reforma e reconstrução*... Em minha experiência dentro de uma das principais igrejas norte-americanas, vi pré-milenistas deliberadamente, e por declaração expressa diante de mim, chegar tarde em reuniões-chave onde seu voto poderia ter conduzido à reconquista de um sínodo, pois recusavam estar envolvidos numa tentativa de “reformular” a igreja; isso era para eles uma atividade “não-espiritual”, e eles se sentiam seguros que a apostasia era algo ordenado por Deus como um prelúdio do “arrebato”. (pp. 20-21).

O Pietismo via a vida em termos essencialmente emocionais e pessoais... o objetivo do homem era visto como umas férias eternas com o Senhor. O Pietismo *produziu uma vida superficial: intelectual e vocacionalmente*. (p. 27)

Uma falácia das visões pré-milenista e amilenista é a suposição comum que a Queda frustrou de alguma forma o propósito original de Deus como apresentado no Éden. Mas Deus nunca é frustrado, e nem pode ser. Crer nisso é ser um humanista, e o humanismo, onde quer que esteja, deve ser estrangulado, *pois assume que os caminhos do homem devem prevalecer sobre os caminhos de Deus*. (p. 28)

Aposentadoria é um princípio moderno, a reprodução secular da idéia de um arrebatamento... O arrebatamento e a aposentadoria são assumidos falsamente e significam uma rendição; *eles consideram uma retirada de exercer o domínio como um privilégio, ao invés de uma tragédia ou sofrimento.* (p. 29)

A geração do arrebatamento é a geração inútil. (p. 38)¹²

Há uma multidão de excelentes recursos que servem de apoio exegético para o pós-milenismo: os históricos, procedentes dos grandes eruditos bíblicos dos séculos passados, e um número sempre crescente de livros e conferências modernos, que são cada vez melhores. Mas *entender* o significado dessa abordagem das Escrituras significa captar as implicações *desse* pioneiríssimo monógrafo de Rushdoony.

O Ponto Final

No segundo volume da *Systematic Theology* de Rushdoony,¹³ ele investiga o significado do termo *escatologia* (e é ainda mais diligente nesse sentido durante a conferência gravada que deu origem ao texto escrito). Nas páginas 785-786, ele observa que o termo pode se relacionar, não apenas com os tempos finais para o mundo, mas com um *ponto final*. Como diz Rushdoony: “o ponto final pode chegar com a morte de um homem, o julgamento de uma família, de uma instituição, ou de um povo. Nesse sentido, a história está continuamente testemunhando pontos-finais ou *eschatons*” (p. 785).

Por que essa distinção é tão crucial? Não é um desvio ou distração da assim chamada escatologia cósmica, o fim do mundo, etc.? Esse negócio de ponto final é ao menos importante?

Sem dúvida! O homem moderno usa muitos modelos diferentes para descrever, por exemplo, o destino de uma nação ou cultura. O *modelo balístico* foi popular no passado, no qual encontramos a linguagem de trajetórias para descrever culturas, como no livro *The Rise and Fall of the Roman Empire* [Ascensão e Queda do Império Romano]. O *modelo orgânico*, que compara culturas e sociedades com um ser vivo também já foi popular, e nele se alude ao nascimento, infância, adolescência, maturidade, envelhecimento e morte de

¹² Os números das páginas são da reimpressão (Vallecito, CA: Chalcedon Foundation, 1997), não do tratado original de 1977.

¹³ Rushdoony, *Systematic Theology* em 2 volumes (Vallecito, CA: Ross House Books, 1994), 785–898.

uma nação ou cultura. Você notará que *todos* esses *modelos omitem Deus e Seu governo providencial sobre o mundo*. O destino das sociedades humanas não se expressa em termos de sua fidelidade ao pacto ou ausência desta, mas descansa sobre a suposição da inexistência de Deus ou (o que equivale ao mesmo) Sua irrelevância.

É aqui onde a abordagem da escatologia por Rushdoony entra em novo terreno crítico, pois ela vê a mão de Deus o Senhor *em ação contínua*, refletindo através disso Sua fidelidade à Sua própria Palavra. Muitos cristãos hoje estão encarando o futuro à espera do desenrolar de um suposto cenário do fim dos tempos, mas estão cegos para os pontos-finais culturais, eclesiásticos e pessoais que estão se revelando desde a sala do trono de Deus, diante dos olhos deles; ponto-finais que afetam-nos diretamente.

O pós-milenismo é freqüentemente criticado por tornar a escatologia irrelevante e distante, como se tudo o que oferecesse fosse uma viagem indiferenciada a uma meta bem remota. Alguns desejariam que essa caricatura fosse verdadeira. A realidade é: Rushdoony tomou a escatologia na direção inteiramente oposta. Escatologia não mais significa discernir a coreografia de Deus no fim do mundo. Escatologia significa que Deus coloca um fim na *sua* cultura, na *sua* igreja e em *você mesmo*, no tempo que Ele apontou, de acordo com o Seu pacto. Rushdoony extraiu a escatologia do Salmo 27 para fora do presumidamente seguro Saltério, e desatou seu poder bruto no meio das nossas confortáveis salas de estar, santuários de igrejas, salas de aula e salões do governo.

Como, então, poderíamos resumir a influência de Rushdoony sobre a escatologia, seu impacto sobre o estudo dos eschatons e dos pontos-finais?

Um bom começo.

Martin G. Selbrede, Vice-Presidente da Chalcedon, vive em Woodlands, Texas. Martin é o Cientista Chefe na Uni-Pixel Displays, Inc. Ele tem sido um defensor da Chalcedon Foundation durante um quarto de século.

Fonte: *Faith for All of Life*, Nov/Dez 2007, p. 24-29.